

COMO
CONVENCÍ
O MEU MARIDO
A LAVAR A LOUÇA

EVE RODSKY

TRADUÇÃO
RITA CARVALHO E GUERRA

 Planeta

Para Seth:

Não há ninguém na Terra com quem prefira participar no jogo da vida. Obrigada por me permitires partilhar a tua história... és a minha alma gémea e estou muito orgulhosa por termos crescido juntos todos estes malfadados dias. Amo-te.

Para Zach, Ben e Anna:

Escrevi isto para vocês.

Para a minha mãe, Terry:

Obrigada por teres segurado as rédeas da nossa pequena família composta por três pessoas... podes ter deixado passar imensa m*rda por entre os dedos, mas o teu amor nunca se perdeu. E por me ensinares que uma vida que vale a pena viver é aquela em que fazemos tudo o que podemos para mudar as vidas dos outros para melhor.

Índice

PRIMEIRA PARTE

O PROBLEMA

O que é o Fair Play? 11

1. A MALDIÇÃO DA MÃE-FAZ-TUDO

Eu estava pronta para desistir. 13

2. OS CUSTOS ESCONDIDOS DE FAZER TUDO

O baralho está manipulado 35

SEGUNDA PARTE

A SOLUÇÃO

As Quatro Regras do Fair Play. 59

3. REGRA #1:O TEMPO É IGUAL PARA TODOS

Chamemos os bois pelos nomes. 61

4. REGRA #2:RECLAME O DIREITO A SER INTERESSANTE

Não se perca com o baralhar 93

5. REGRA #3:PARTA DE ONDE SE ENCONTRA AGORA

As apostas são altas. 115

6. REGRA #4:DEFINA OS SEUS VALORES E PADRÕES

Equilibre o jogo. 153

TERCEIRA PARTE

COMO GANHAR COM FAIR PLAY

Jogar para Vencer 169

7. AS 100 CARTAS DO FAIR PLAY

Prepare-se para a vitória. 171

8. COMO JOGAR

Todas as cartas estão na mesa. 219

9. REDISTRIBUIR O BARALHO

Mantenham-se no jogo para ganhar 251

**10. OS 13 PRINCIPAIS ERROS QUE OS CASAIS
COMETEM – E A SOLUÇÃO FAIR PLAY**

Mantenha de pé o seu castelo de cartas 271

11. VIVER NO SEU ESPAÇO UNICÓRNIO

A verdadeira vitória é tornar-se mais feliz e mais saudável 289

CONCLUSÃO 315

Glossário do Fair Play 317

Bibliografia 321

Agradecimentos 331

Índice remissivo 337

PRIMEIRA PARTE

O PROBLEMA

O que é o Fair Play?



A maldição da mãe-faz-tudo

Eu estava pronta para desistir



CONSIDERE O SEGUINTE CENÁRIO: O CASO DOS MIRTILOS DESAPARECIDOS

«Espanta-me que não tenhas comprado mirtilos.»

Fiquei a olhar para a mensagem de texto do meu marido e imaginei-o a dizer aquelas palavras naquilo a que chamo a sua «voz porno» – sem fôlego, como quando se sente frustrado ou sobrecarregado.

Imediatamente na defensiva, pensei: *Hum, por que razão não podes ir tu comprar os mirtilos?*

Tinha tirado a tarde de «folga» para passar algum tempo com o meu filho mais velho, que precisava com urgência de estreitar a ligação com a sua mamã, por causa da chegada recente do seu novo irmãozinho bebé. Depois de ter percorrido a minha longa lista de instruções para a *baby-sitter* (duas vezes), corri porta fora para ir buscar Zach à escola – enquanto tentava equilibrar os lanches que acabara de preparar, uma mochila esquecida pelo companheiro de brincadeiras do dia anterior, uma encomenda FedEx para expedir, um par de sapatos de criança, novo a estrear, que já era demasiado pequeno, para devolver, e o contrato de um cliente que precisava de ser revisto antes da manhã do dia seguinte.

Estava já por um fio quando recebi a «mensagem dos mirtilos» do meu marido, e as lágrimas começaram a correr tão velozes e furiosas que tive de encostar na berma da estrada.

Como era possível que tivesse passado de alguém que geria com sucesso todo um departamento no trabalho, para alguém incapaz de gerir uma lista de supermercado para a sua própria família? E que mulher com um mínimo de autoestima chora por se ter esquecido de comprar um produto no supermercado? E igualmente alarmante: seria a caixa de mirtilos fora de época o anúncio do fim do meu casamento?

Limpei o rímel que tinha escorrido e pensei: *Não foi assim que imaginei a minha vida – a responsável pela satisfação dos desejos de batidos da minha família.*

Calma. Volta atrás.

Como cheguei até aqui

A minha mãe e o meu pai divorciaram-se quando eu tinha três anos e ela estava grávida do meu irmão. A minha mãe preferiu abdicar da pensão de alimentos, para evitar conflitos, e criou-me e ao meu irmão numa casa monoparental, enquanto trabalhava a tempo inteiro como professora de Assistência Social na cidade de Nova Iorque. Não era um emprego que pagasse fortunas, mas ela assegurava-se de que chegava. Ou, pelo menos, era o que eu pensava até terem enfiado o primeiro aviso de despejo por baixo da porta do nosso apartamento. A minha mãe tinha passado o dia a dar aulas, fora buscar-me e ao meu irmão à escola, levava-nos ao dentista na alta da cidade, voltara a deixar-nos em casa com a *baby-sitter* na parte baixa da cidade e, depois... voltara ao trabalho. Quando vi o envelope no chão, abri-o, li a carta no interior e, depois, esperei acordada até tarde pela chegada da minha mãe. Quando ela, por fim, entrou pela porta, dei-lhe a notícia de que já não tínhamos onde viver. Eu tinha oito anos. A minha mãe assegurou-me de que só se tinha esquecido de pagar a renda, e de que enviaria um cheque pelo correio logo pela manhã.

Ela cumpriu a sua promessa e não tivemos de nos mudar, mas a partir desse momento compreendi como a vida devia ser difícil para a minha mãe, dado que tinha de suportar 100 por cento do fardo em casa. Durante os meus anos de formação, e por demasiadas vezes para as contar, lembro-me de ter olhado para ela no final de mais um dia longo e extenuante – a minha supermãe sobrecarregada que tentava fazer tudo – e de ter pensado: *Eu jamais serei assim. Quando crescer, terei um verdadeiro parceiro na vida.* Embora não tivesse sido esse o modelo que me foi apresentado, estava determinada a, um dia, construir e manter uma parceria 50/50.

Trabalhei com afinco e consegui ir para a faculdade e formar-me em Direito, tendo conhecido aí o homem que se tornaria o meu parceiro. A minha melhor amiga tinha marcado o encontro. A Zoe disse sobre o Seth: «Ele é judeu e está obcecado com *hip hop*.» Lembrei-me de imediato de quando eu tinha surpreendido os convidados com uma dança coreografada ao som de *Children's Story*, de Slick Rick, no meu *bat mitzvah*. Tinha de conhecer este tipo.

Eu era estagiária de primeiro ano num escritório de advogados na cidade de Nova Iorque, o que significava trabalhar *longas* horas, por isso, para o nosso primeiro encontro, Seth e eu concordámos em ir a um bar em Union Square que ficava aberto até tarde. Mas, às 21 h 30 m, recebi uma chamada de um cliente que me manteve em linha durante quase duas horas. Quando cheguei ao bar era quase meia-noite e Seth... ainda lá estava. Um dos amigos do Seth tinha esperado com ele até eu aparecer. Seth contou-me mais tarde que o amigo dissera, quando entrei: «Ela valeu a espera.» E Seth também. Gostei logo dele.

Só havia um problema em relação ao nosso romance florescente: Seth vivia em Los Angeles, e eu acabara de realizar o Exame da Ordem de Nova Iorque. Durante um ano, fomos namorando à distância e, no nosso aniversário, presenteei-o com um *Best of 2003*, com todos os *e-mails* que tínhamos trocado desde a noite em que nos conhecemos. Eram mais de 600 páginas de *e-mails* trocados que imprimi na cave do escritório de advogados onde estava a trabalhar e que encadernei, de modo a criar uma coleção em quatro volumes, de capa vermelha.

Seth ficou sensibilizado com o meu sentimentalismo (e igualmente impressionado com as minhas meticulosas capacidades de organização). Acho que ambos soubemos, nessa altura, que isto era *a sério*.

Passado um ano, dediquei-me à árdua demanda de estudar e passar no exame da Ordem na Califórnia e mudei-me para Los Angeles. E mais tarde, quando o negócio florescente de Seth exigiu que abrisse escritórios na Costa Leste, fizemos as malas e regressámos a Nova Iorque, pouco depois de termos ficado noivos. (Trazê-lo de volta para casa era o meu plano secreto.)

O nosso primeiro apartamento, em frente ao túnel de Midtown era apertado e sempre ruidoso, mas não nos importávamos. Estávamos apaixonados, colaborávamos verdadeiramente em casa, e defendíamos as carreiras um do outro. Sendo um casal jovem, a nossa dinâmica parecia equitativa, uma parceria recíproca em que éramos iguais. Entre máquinas de roupa suja, ia revendo os contratos dele com os clientes, à medida que a sua empresa de entretenimento ia crescendo, e Seth dava-me dicas de negócio enquanto descarregava as compras.

Ele foi o meu braço direito enquanto eu subia na hierarquia a caminho do meu emprego de sonho – usar a minha formação jurídica, competências de administração organizacional e conhecimento de mediação para trabalhar com indivíduos e empresas de modo a estruturar organizações filantrópicas. Para leigos, aconselhava os ricos sobre como doar toneladas de dinheiro a organizações sem fins lucrativos que serviam o bem maior. Estávamos ambos a fazer trabalho de que nos orgulhávamos e, juntos, arrasávamos a cada passo.

Saltemos para casados com filhos – tudo mudou.

A mãe-faz-tudo

Tornei-me na progenitora por defeito, que é como quem diz, na mãe-faz-tudo¹ – e, como tal, a única coisa em que poderia arrasar era na minha perícia a esmagar ervilhas para o bebé. Para ser justa, Seth abraçou alegremente as mudas de fralda, a alimentação com biberão, e confortava o seu primogénito a meio da noite. Mas fora ter criado esta ligação inicial e fundamental com o filho, Seth dizia com frequência em relação à nossa nova dinâmica familiar: «Não há muito que eu possa fazer.»

Ainda que o meu marido não seja nenhum *Neandertal*, ia fazendo eco de algo que um bom amigo do tempo das cavernas lhe garantiria durante a minha gravidez: «Relaxa. Os pais não fazem grande coisa durante os primeiros seis meses. É mais uma coisa de “mãe”.»

Como muitos pais que trabalham para sustentar as suas famílias, Seth regressou ao trabalho apenas uma semana depois de Zach ter nascido. Tinham-me dado três meses de licença de maternidade para «ficar em casa» (como se o termo abarcasse tudo aquilo que os novos progenitores fazem todos os dias). Olhando para trás, não tinha previsto o infundável esforço emocional, mental e físico que a maternidade exigiria. A minha prima Jessica, que vivia na alta da cidade, a curta distância de táxi, e que estivera grávida ao mesmo tempo, também não antecipara o que estava para vir. No seu terceiro trimestre, inscreveu-nos num curso de tricô porque «provavelmente vamos aborrecer-nos durante a licença de maternidade». Aborrecida, sim. Ociosa, não. Tinha mais do que o suficiente para manter as mãos ocupadas, sem nunca chegar a pegar nas agulhas de tricô ou num novelo de lã. Dado que eu e Seth não tínhamos negociado a partilha do trabalho doméstico antes do nascimento de Zach, recaiu tudo sobre mim, por defeito. Ele saía para trabalhar no escritório e eu passava as oito horas seguintes a ferver biberões, lavar a louça, dobrar a roupa, reabastecer o quarto do bebé,

¹ Em inglês a autora usa a expressão *she-fault parent* para ilustrar esta ideia de que a mãe continua a ser responsável por tudo na vida familiar, é a progenitora por defeito. Em português optámos por «a mãe-faz-tudo». (N. da E.)

correr para o supermercado, levantar as receitas na farmácia, preparar as refeições, arrumar, e distrair e cuidar do meu pequenote. Em sua defesa, quando regressava a casa do escritório Seth perguntava: «Como posso ajudar?», mas eu era incapaz de explicar o que precisava. Por norma respondia com um irritado: «Sei lá. Faz *qualquer coisa!*»

Estava exausta e rapidamente fiquei sobrecarregada. Também me sentia isolada e sozinha.

«A minha vida pública é agora tão privada», confidenciei a Jessica, certa tarde, no parque infantil.

«Tornámo-nos “mulheres casadas solteiras”», sugeri, citando um termo popularizado pela Dr.^a Sherry L. Blake para descrever as mulheres em relações sérias que suportam sozinhas a maior parte das responsabilidades familiares. Seth via que eu estava a sentir dificuldades no meu novo papel, mas também se sentia constantemente criticado. Esforçava-se por oferecer ajuda, mas acabava por recuar porque «não conseguia fazer nada bem». As discussões entre nós tornaram-se parte da nova rotina familiar e, quando pensei em regressar ao escritório, a ideia de equilibrar um trabalho desafiante com as exigências cada vez maiores da vida doméstica afigurava-se impossível.

Certa tarde, depois de um encontro no escritório para debater o meu regresso, «tirei uns minutos» nas escadas da empresa para, calmamente, bombear o meu leite para recipientes de plástico. Enquanto ali estava sentada, com as costas contra a parede, pensei: *Será que isto conta como um espaço de amamentação fora da casa de banho?* E, mais importante: *Como raio é que vou equilibrar tudo?* Propus à empresa trabalhar a tempo inteiro, mas a partir de casa um dia por semana. Foi recusado. Ofereci-me para trabalhar quatro dias por semana, com redução salarial. Também não aceitaram.

No final, desisti do meu emprego de sonho para me tornar consultora independente, uma escolha de que não me arrependo (mas acerca da qual ainda penso – *muito*). No meu caso, deveu-se ao facto de – por muito compreensivo que o meu empregador se tenha mostrado, permitindo-me manter a posição a tempo inteiro, enquanto gozava da licença de maternidade – a empresa não ter implementado métodos

amigos da família que apoiassem os progenitores que necessitassem de uma maior flexibilidade nos primeiros anos da vida dos filhos, logo após o fim da licença. No dia em que entreguei a carta de demissão, uma colega enviou-me uma mensagem de texto: > **Não te culpes**, e incluiu a seguinte estatística: *Quando comparados com outros países desenvolvidos, os Estados Unidos ocupam a última posição em termos de tempo livre com proteção laboral para novos pais.*

As minhas amigas que também tinham optado por uma mudança nas suas carreiras ao diminuir a carga de trabalho profissional, ou que tinham abandonado por completo o seu trabalho tradicional, compreendiam bastante bem aquilo por que eu estava a passar. Tanya, uma amiga e antiga colega que já tinha deixado a nossa empresa para cuidar dos dois filhos em casa, avisou-me: «Procurar um equilíbrio entre o trabalho e o lar é difícil, mas se achas que vais ganhar *mais* tempo por optares pelo *part-time*, pensa melhor. Mais tempo em casa, traduz-se, na realidade, em *menos* tempo.» Como podia isso ser? As minhas novas amigas que eram mães realçaram rapidamente que, quando libertamos o tempo que era passado num escritório, depressa o preenchemos com mais coisas em casa, incluindo tarefas que não estão necessariamente relacionadas com os filhos.

Tinham toda a razão. Para além das extenuantes tarefas diárias não negociáveis, como assegurar-me de que havia fraldas limpas disponíveis, a partir do momento em que deixei de trabalhar a tempo inteiro fora de casa, também assumi muitas das tarefas que o meu marido costumava fazer. Coisas como atualizar as nossas apólices de seguro, pagar as contas, levar as caixas para a arrecadação, comprar pilhas extra para os detetores de fumo, e muitas outras m*rdas suplementares que não são *verdadeiramente* suplementares. Porque, depois das coisas básicas, estas outras tarefas permitem o avanço contínuo da vida doméstica. Sem qualquer negociação ou assentimento consciente, no meu novo papel de CEO, gestora de tarefas, e formiguinha trabalhadora da nossa infindável lista de afazeres familiares, realizei horas e mais horas de trabalho que passou despercebido e que nunca foi reconhecido pelo meu marido – e por vezes nem mesmo por mim.

Em muitos dias, ao sentir o enorme peso da exaustão que se apoderava de mim no exato momento em que o meu bebê se deitava e eu podia, por fim, desligar, perguntava-me: *O que fiz eu o dia todo?* Quando já nem eu era capaz de responder a essa pergunta, percebi que tinha perdido o controlo do meu próprio tempo.

Parece-lhe familiar?

Porque parece impossível avançarmos na nossa lista de afazeres?

Quanto mais falava com as minhas amigas que se haviam tornado mães, mais me apercebia de que todas sentíamos dificuldades em fazer tudo – e mais, todas sentíamos dificuldades em identificar exatamente o que estávamos *a fazer*. Por que razão estávamos tão atarefadas?

Acontece que este fenómeno tem um nome – bem, muitos nomes, na verdade. Um dos mais populares é «trabalho invisível»: *invisível* porque pode passar despercebido e ser ignorado pelos nossos parceiros, e também porque aquelas entre nós que o realizam poderão não o contabilizar ou mesmo reconhecer como trabalho... apesar de nos custar tempo real e um significativo esforço mental e físico, sem dias de baixa ou quaisquer benefícios. Sem dúvida que também a leitora já se deparou com artigos que descrevem esta «carga mental», o «segundo turno», e o «trabalho emocional» que recai desproporcionalmente sobre as mulheres, juntamente com o peso que este trabalho doméstico tem nas nossas vidas em termos mais amplos.

Mas de que estamos, realmente, a falar aqui? As sociólogas Arlene Kaplan Daniels e Arlie Hochschild ofereceram-nos uma linguagem apropriada para falarmos acerca destas desigualdades profundamente sentidas (mas, em grande medida, não articuladas) nos anos de 1980 e, desde então, várias mulheres inteligentes fizeram avançar o diálogo, bem como o vernáculo popular.

- **Carga Mental:** A infindável lista mental de afazeres onde coloca todas as suas tarefas familiares. Embora não seja tão pesada como um saco de pedras, os pormenores constantes que andam à roda na sua cabeça não deixam de exercer um forte peso. A «sobrecarga» mental cria *stress*, fadiga e, frequentemente, esquecimento. *Onde pus as malditas chaves do carro?*
- **Segundo Turno:** É o trabalho doméstico que faz muito *antes* de ir para o trabalho e, frequentemente, que faz também muito *depois* de regressar a casa do escritório. É um turno não remunerado que começa cedo e acaba tarde, e não se pode dar ao luxo de o perder. *Todos os dias são dias de turno duplo quando temos os almoços de duas crianças para preparar!*
- **Trabalho Emocional:** Este termo tem vindo a evoluir organicamente na cultura *pop* para incluir «a manutenção das relações» e a «gestão das emoções». São coisas como telefonar aos sogros, enviar bilhetes de agradecimento, comprar presentes para professores, e acalmar crises de nervos no hipermercado. Esta dedicação a cuidar dos outros pode estar entre os trabalhos mais extenuantes (semelhante ao dia em que nasceram os seus filhos), mas garantir conforto a meio da noite é aquilo que faz de si uma progenitora maravilhosa e de quem se pode depender. *Está tudo bem, a mamã está aqui.*
- **Trabalho Invisível:** Estas são as coisas que ocorrem nos bastidores e que mantêm um lar e uma família a andar sobre rodas, embora dificilmente seja reconhecido e raramente seja valorizado. *Nunca a pasta de dentes acaba. Não têm de quê.*

Num esforço para «tornar físico» este pesado fardo transportado pelas mulheres de ontem e de hoje, comecei a colecionar todos os artigos que consegui encontrar sobre o tema da desigualdade doméstica. Depois de ter reunido 250 artigos (e o número continua a aumentar) retirados de jornais, revistas e fontes *online*, foi perturbador reconhecer que, desde que as mulheres começaram a escrever acerca disto, na década de 1940, não fizemos progressos suficientes na partilha do fardo com os nossos parceiros ou na descoberta de uma resposta para este

problema que os homens pudessem aceitar. É a mesma m*rda, numa década diferente.

De acordo com os estudos mais contemporâneos, as mulheres *continuam* a realizar o grosso do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos, mesmo em famílias com rendimentos duplos, em que os dois progenitores trabalham a tempo inteiro e, por vezes, até mesmo quando a mãe ganha mais do que o seu parceiro. Como que numa imagem reflexa da minha própria vida, deparei-me com um outro estudo que revelava que os homens que realizavam a sua quota-parte justa de trabalho doméstico antes de terem filhos reduziam significativamente os seus contributos depois do nascimento destes – em até cinco horas por semana.

Uau, até os tipos fixes?

Enquanto analisava a vasta investigação e a literatura, passada e presente, que corajosamente nomeava e articulava este problema, pensei: *Ok, sabemos que existe um desequilíbrio. Mas onde está o manual com uma solução prática e sustentável?* Claro que era útil compreender a dimensão do problema e as suas bases históricas, e era até gratificante saber que não estava sozinha nesta situação difícil e que muitas mulheres estavam fartas e escreviam acerca disto há décadas. Mas o que podemos fazer para a *mudar*? Sentia-me determinada a descobrir.

Visibilidade = Valor

Pouco depois do nascimento do meu segundo filho, regressámos a Los Angeles. Sustive a respiração enquanto mãe e regresssei ao trabalho a tempo inteiro. Criei a minha própria empresa de consultoria, a Philanthropy Advisor Group, para oferecer serviços a indivíduos e fundações familiares. Mas mesmo com o meu regresso a um emprego pago, que me obrigava a sair para o escritório, continuava a suportar dois terços do trabalho necessário para gerir a casa e criar a família, uma estatística em relação à qual não estava consciente na altura, mas que era a minha, sem sombra de dúvida. Continuava a ser a mãe-faz-tudo,

responsável pelas mais diversas tarefas, desde comprar os mirtilos e organizar a vida quotidiana da nossa família, enquanto o meu marido – um tipo bom e um pai maravilhoso – continuava a não ser mais do que um «ajudante» em vez de um parceiro/planeador/participante colaborativo em tudo aquilo que ocorria na nossa família.

Certa noite, já tarde, estava a usar a lanterna do telemóvel para encontrar a tomada onde ligar o monitor do bebé. Seth estava a dormir no quarto escuro e eu tive o cuidado de não o acordar. Mas quando choquei acidentalmente com a minha mesa de cabeceira, derrubando uma pilha de livros precariamente alta, que caiu ao chão, ele acordou repentinamente.

«O que estás a fazer?», perguntou, numa acusação sonolenta. «Não pode esperar até amanhã?»

Não, pensei, mas não o disse em voz alta, pois *todo o planeamento e a coordenação invisíveis que ocorrem quando estás a dormir têm de acontecer antes de amanhã de manhã, de modo a que a nossa casa possa funcionar!* Num instante, recordei um vídeo do YouTube que uma amiga me enviara recentemente, em que a autora Joyce Meyer lia um excerto de *The Confident Woman*, onde detalha o trabalho infundável que a «mãe» realiza antes de ir para a cama:

Lavar a louça do jantar, preparar os cereais para a manhã, preparar a cafeteira do café, tirar a carne do congelador, encher a taça da água do cão, deixar sair o gato, colocar as roupas molhadas na máquina de secar, despejar o caixote do lixo, trancar as portas, ver se as crianças estão bem, escrever um bilhete rápido para o professor, preparar as roupas, lavar e hidratar o rosto, e acrescentar em seguida outros três itens à lista de afazeres para o dia seguinte. Entretanto, o marido desliga a televisão e anuncia sem estar a falar com ninguém em especial: «Vou para a cama.» *E, sem fazer mais nada, vai.*

Frustrada e magoada, regressei à cama. Com a mente num turbilhão, fiquei deitada a pensar em tudo o que tinha feito durante o meu segundo turno – o *e-mail* que enviara à professora do Zach acerca da visita de

estudo que se aproximava, a preparação dos encontros com os amigos durante o próximo fim de semana, a marcação da *baby-sitter*, a inscrição para as aulas de natação para bebês, e a negociação de um novo preçário para o telemóvel com a linha permanente de apoio ao cliente. Subitamente, a nossa situação tornou-se clara. Aquilo a que a minha detetive de infância preferida, Encyclopedia Brown, poderia ter apelidado de «O Caso do Encontrão Noturno» continuaria invariavelmente no meu casamento até Seth e eu realizarmos algumas alterações sérias. Nessa noite, as nossas opções pareciam limitadas. De facto, a única coisa que me ocorreu foi mudarmo-nos para um país estrangeiro onde Seth falasse a língua e eu não (uma sugestão real que surge no *The New York Times*). Num cenário como este, poderia relaxar nas praias de Ibiza enquanto Seth, o único falante de espanhol da família, seria obrigado a assumir uma parte mais importante da comunicação relacionada com as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. ¡*Qué bueno!*

Decidi dormir sobre o assunto. Na manhã seguinte, sentia-me menos cansada e exasperada e adiei os meus planos noturnos de mudar a nossa família para outro continente. Em vez disso, segui o plano que tinha estabelecido com as minhas amigas de fazer uma caminhada local de sensibilização para o cancro da mama.

CONSIDERE O SEGUINTE CENÁRIO:
O CASO DAS 30 CHAMADAS E 46 MENSAGENS DE TEXTO

Algumas das minhas amigas mais queridas, juntamente com as suas mães, irmãs e sobrinhas, encontraram-se no centro de Los Angeles para se reunirem, enquanto comunidade, de modo a honrar as sobreviventes do cancro da mama, incluindo algumas das nossas amigas e familiares. Estávamos cobertas de purpurinas dos cartazes que os nossos filhos nos ajudaram a preparar e, enquanto marchávamos através das ruas, envergando *leggings* cor-de-rosa e entoando: «Não é apenas um problema das mulheres», sentíamo-nos numa verdadeira escapadela de amigas. Todas comentámos a sensação palpável de irmandade

enérgica e força feminina no ar. Isso, até ter chegado a primeira mensagem por volta do meio-dia: Quando voltas para casa?

Era do marido da Jill, que tinha passado a manhã com os filhos e já estava «farto». Enquanto a víamos a enviar uma resposta pronta, quase todas as mulheres presentes no grupo sentiram os seus próprios telemóveis a ganhar vida à medida que mensagens semelhantes iam aparecendo:

- Quando chega a *baby-sitter*?
- Onde é que puseste o saco do futebol do Josh?
- Qual é a morada da festa de aniversário?
- As crianças precisam de almoçar?

A experiência mútua foi espantosa, e começámos a partilhar cada mensagem à medida que ia chegando. «Almoçar? Que é que *tu* achas?», perguntou Suzy em voz alta num tom divertido que depressa se transformou em incredibilidade e depois em irritação.

Enquanto nos ríamos e queixávamos em igual medida, recebi a minha primeira chamada:

«Onde está a roupa da Anna que escolheste? Ela não tem calças.»

Era Seth, sem fôlego e frustrado, a falar com a sua voz porno. Uma vez mais. «Bem, parece-me que não vamos ao parque porque *tu*» – realçou – «não *me* deixaste roupa.»

A sério? Tinha-as posto silenciosamente fora do armário depois de ele ter ido para a cama na noite anterior. Tão calmamente quanto possível, sugeri: «Experimenta no roupeiro. Experimenta no cesto da roupa lavada. E, se mesmo assim não conseguires encontrar nenhuma calças...», tentei não gritar, «veste-lhe uns *calções*.»

Depois de 30 chamadas e 46 mensagens de texto dos nossos maridos e de mulheres «substitutas» como *baby-sitters*, vizinhas, e sogras que tinham sido chamadas para ajudar e apoiar os nossos maridos, Charlotte foi a primeira a dizer o que todas estávamos a pensar: «Talvez devêssemos saltar o almoço e regressar a casa?» A ela juntou-se de imediato Amy, que sugeriu: «Se calhar deixei-lhe, de facto, demasiado

para fazer.» Lisa encolheu os ombros e disse: «Seria mais fácil se eu lá estivesse.»

E assim, o mesmo grupo de mulheres que – 30 minutos antes – tinha marchado em conjunto no espírito da «coragem, força e poder» separou-se e regressou a casa para substituir *baby-sitters*, encontrar o saco do futebol, embrulhar o presente de aniversário de uma outra criança e preparar o almoço.

Enquanto regressava a casa nesse dia, refleti numa frase que tinha lido algures – o ressentimento nasce da sensação de injustiça. *Podem crer, não era justo!* Sentia-me tão frustrada em nome das minhas amigas e de todas as mães que tinham recebido mensagens de texto que exigiam que corrêssemos para casa ou respondêssemos a uma chamada para ensinar aos nossos maridos coisas básicas que eles deviam saber ou conseguir descobrir em relação aos cuidados dos nossos filhos e da casa. O maior problema nos nossos casamentos, ao que parecia, eram os pormenores. Enquanto estacionava o carro no acesso da nossa casa, ainda a espumar, ocorreu-me algo novo: **Visibilidade = Valor.**

De repente fez-se luz e apercebi-me de que havia uma outra opção para alterar o desequilíbrio do trabalho em casa que não envolvia mudar-me para um país estrangeiro ou juntar-me aos 50 por cento dos casamentos que terminam em divórcio (o que deixaria Seth a fazer mais, mas não me permitiria fazer menos). Em vez disso, se queria parar de competir com Seth e obrigá-lo a «assumir» parte da responsabilidade por tudo o que é necessário para que a nossa vida aconteça, eu tinha de deixar de andar pela casa a meio da noite, qual elfo, fazendo as m*rdas acontecerem silenciosamente e por magia. Se estava à espera que Seth fosse um parceiro informado, bem, então, *primeiro* precisava de tratá-lo como tal, tornando *visível* tudo aquilo que fazia pela nossa família. Não se pode valorizar aquilo que não se vê, certo? E Seth também não podia. E as minhas amigas também não podiam esperar que os seus companheiros o valorizassem. Mas... se os nossos parceiros reconhecessem os pequenos e grandes pormenores necessários para manter o barco à tona, talvez apreciassem tudo o que fazemos. Raios, talvez até se oferecessem para tirar algumas coisas das nossas listas.